

UMA SANTA

PEDRO GOMES DE MATOS

No dia 15 de março último fêz precisamente um ano que cerrou os olhos à luz da vida, na paz do Senhor, a Reverenda Madre Maria José de Jesus, Priora do Convento de Santa Teresa.

No século, chamava-se Honorina; e era filha do homem que mais serviu às letras históricas do Brasil — Capistrano de Abreu.

Órfã de mãe aos 10 anos de idade, foi, com a máxima dedicação, cuidada pela avó. Era viva, alegre, inteligente. Obteve prêmio de honra no colégio em que se educou e tinha para com o Pai grandes afinidades espirituais.

Fêz a primeira comunhão na festa da Assunção de Nossa Senhora, em 1895, e êsse dia ela o considerava o mais feliz de sua vida.

Quando terminou os estudos no Colégio da Imaculada Conceição, desejou ser Irmã de Caridade, idéia que logo se lhe desvaneceu. Era dada à poesia e ao cultivo de línguas, notadamente do latim. Lia autores nacionais e estrangeiros. Frequentava festas e teatros e a todos surpreendia com a sua discrição e temperamento bondoso. Eis se não quando, aos 20 anos, e por

ocasião de uma festa, manifestou de súbito a uma prima o desejo de voltar para casa. “Algo de sobrenatural — diz a mencionada prima, referindo-se ao fato — passou-se em sua alma”, e conclui: deve ter visto ou ouvido alguma coisa do Céu”.

Daí por diante, Honorina rompeu decididamente com o mundo. Outro era o seu modo de trajar e mais amiudadas suas visitas à Igreja até que afinal foi esconder-se no Deserto do Monte Carmelo.

Quando à família comunicou a sua decisão, a tristeza foi geral. Todos choravam, com exceção da avó que só teve conhecimento do fato quando ela já se achava recolhida ao Convento. A pedido da filha diletta, o Pai foi assistir-lhe a entrada; não teve porém ânimo para apresentar-se à filha e contentou-se em vê-la de longe tal como se fôra uma noiva, “caminhando com passos de rainha”. Esta visão da filha vestida de noiva, quis êle guardar no seu coração e nas suas retinas para sempre... tanto que não quis assistir, depois, ao casamento religioso da filha mais nova para não ver mais ninguém vestida de noiva. Logo depois escrevia a um amigo: — “Honorina entrou para o Convento no dia 10. Obedeceu à sua consciência e é a única forma verdadeira de ser feliz.” Por sua vez, sentia ela o peso do seu sacrifício e assim falava ao Coração de Jesus:

*“Lembraí-vos, ó Jesus, que por Vós, terno Espôso,
Um dia abandonei — de vosso amor escrava —
Minha avó, meus irmãos, meu pai, tão amoroso,
Tudo quanto possuía e tudo quanto amava.”*

Voluntariamente, separou-se da família e, sobretudo, do Pai queridíssimo que nunca mais foi visitá-la no Convento. Sorveu, com isto, cálice dos mais amargos, tendo chegado a registrar: “Nas vésperas de minha entrada para o Convento, meu Pai dizia-me: — “Sua avó morre, sua Avó morre!” Mas eu sentia tanta confiança em Deus que dizia: “Não morre, meu Pai, não morre”. E acrescenta: “Nosso Senhor foi tão misericordioso para comigo que a conservou ainda dez anos quase completos...”

Contudo, só Deus sabe meu sobressalto cada vez que ouvia o sino da portaria a horas desusadas: parecia-me sempre que era minha avó que tinha morrido”.

Positivista, Capistrano jamais admitiu a prática da religião. Do Carmelo, e através de afetuosa correspondência, a filha tudo fez para que o Pai, descrente, fôsse tocado pela graça. Deus, porém, achou-a digna de ser provada na sua fé e não lhe permitiu o consôlo de ver o Pai convertido. Ela, entretanto, confiava em Nossa Santa Mãe e a uma amiga escreveu: “Estou segura de que a Misericórdia de Deus salvou meu Pai”.

Apesar de doente, pois que era asmática e tinha gripes frequentes, nos últimos anos de vida não se poupava na execução dos seus deveres. Dizia-se um “caquinho”, “peça de roupa com ponto preto” ... e explicava: “a roupa quando se põe ponto preto, é que não serve mais para consertar, deve ser usada o mais possível até acabar! Assim é preciso que eu me gaste no cumprimento da Regra mais do que nunca, pois já estou no fim.” E quando, porventura, alguma das Irmãs procurava impedi-la de visitar doentes de gripe, pelo receio do contágio, respondia: “se não posso visitar minhas filhas, então não posso ser Priora.”

Enganam-se os que pensam que a vida do claustro mata ou mesmo arrefece a sensibilidade afetiva. Antes ela se alarga e apura como verificamos com relação à Madre Maria José de Jesus.

A um irmão, quase da mesma idade, dedicou, em 1942, um soneto do qual destacamos:

*“Meu doce companheiro de jornada,
Só a morte será a encruzilhada
Que nos fará tomar rumos diversos.”*

Contava 77 anos de idade e 48 de convento, quando S. José, o Padroeiro da boa morte, resolveu levá-la para o Céu. Seu enterramento, feito nas catacumbas do próprio convento, foi mais uma apoteose do que um entêrro.

Dir-se-ia que Nossa Senhora lhe ouvira o reclamo manifestado nestes versos:

*"Ó Mãe, vem buscar-nos no fim desta vida,
Calçada de lua, vestida de sol,
E a nós que te amamos, ó Mãe tão querida,
O ocaso transforma num lindo arrebol..."*

Fizeram-na santa o sofrimento e o "abandono" que teve por parte do Senhor. Viveu o que pressentiu:

*"Sei que um dia virá em que Vós, terno amante,
Meu amor, meu Jesus, com divina ternura,
Estando junto a mim vos fingireis distante.
E eu vagarei a sós no horror da noite escura."*

Nenhum médico descobriu a causa da febre que a minou. E morreu num leito de Hospital, "extra-castra", reproduzindo, na alma e no corpo, o mistério da Paixão de Jesus.

"A morte é a marca de Deus impressa na face dos homens". E para as eleitas do porte de Madre Maria José de Jesus não tem tons de ocaso, mas cambiantes de aurora.

"Morrer em Deus, nesta vida, é simplesmente viver".